

RAÍZES DO SABER: PEDAGOGIAS FEMINISTAS NEGRAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Suellen Andrade de Sá
<https://orcid.org/0009-5171-5013>

Denize de Aguiar Xavier Sepulveda
<https://orcid.org/0000-0001-9049-5200>

Resumo: A pesquisa carrega questões pedagógicas direcionadas para o reconhecimento da construção de uma educação afro-centrada, oferecendo uma análise profunda dos saberes afro-femininos no contexto educacional. Este artigo procura expandir os espaços de produção de conhecimento e dialogar com raízes históricas e sociais das pedagogias feministas negras. O estudo destaca desafios e formas de resistência das mulheres negras, abordando a escrevivência e a luta contra o epistemicídio da literatura negra com a principal obra, o livro “Olhos d’água” da Conceição Evaristo. A pesquisa enfatiza a importância do reconhecimento da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, promovendo a lei 10.639/2003 e propõe a desconstrução de estereótipos de gênero e raça por meio de práticas pedagógicas conscientes. No campo da ciência e tecnologia, destaca contribuições afro-femininas frequentemente negligenciadas, defendendo a inclusão de perspectivas afro-centradas, como o protagonismo negro nas narrativas, para uma compreensão mais diversificada de conhecimentos.

Palavras-Chave: Escrevivência; afro-perspectivas; literatura afro-feminina.

ROOTS OF KNOWLEDGE: BLACK FEMINIST PEDAGOGIES AND TEACHING PRACTICES

Abstract: The research addresses pedagogical questions aimed at recognizing the construction of Afro-centered education, offering a deep analysis of Afro-feminist knowledge in the educational context. This article seeks to expand the spaces of knowledge production and engage with the historical and social roots of Black feminist pedagogies. The study highlights the challenges and forms of resistance of Black women, addressing the concept of "escrevivência" and the fight against the epistemicide of Black literature, with Conceição Evaristo's book "Olhos d’água" as the primary work. The research emphasizes the importance of recognizing Afro-Brazilian and African culture in the school curriculum, promoting Law 10.639/2003, and proposes the deconstruction of gender and racial stereotypes through conscious pedagogical practices. In the field of science and technology, it highlights the often-overlooked Afro-feminist contributions, advocating for the inclusion of Afro-centered perspectives, such as Black protagonism in narratives, to achieve a more diverse understanding of knowledge.

Keywords: Escrevivência; Afro-perspectives; Afro-feminist literature.



RAÍCES DEL SABER: PEDAGOGÍAS FEMINISTAS NEGRAS Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS

La investigación aborda cuestiones pedagógicas dirigidas al reconocimiento de la construcción de una educación afrocentrada, ofreciendo un análisis profundo de los saberes afrofeministas en el contexto educativo. Este artículo busca ampliar los espacios de producción de conocimiento y dialogar con las raíces históricas y sociales de las pedagogías feministas negras. El estudio destaca los desafíos y las formas de resistencia de las mujeres negras, abordando el concepto de "escrevivencia" y la lucha contra el epistemicidio de la literatura negra, con el libro "Olhos d'água" de Conceição Evaristo como obra principal. La investigación enfatiza la importancia del reconocimiento de la cultura afrobrasileña y africana en el currículo escolar, promoviendo la Ley 10.639/2003, y propone la deconstrucción de estereotipos de género y raza a través de prácticas pedagógicas conscientes. En el campo de la ciencia y la tecnología, resalta las contribuciones afrofeministas frecuentemente ignoradas, abogando por la inclusión de perspectivas afrocentradas, como el protagonismo negro en las narrativas, para lograr una comprensión más diversa del conocimiento.

Palabras clave: Escrevivência; afro-perspectivas; literatura afrofeminista.

1. Introdução

Esta pesquisa em andamento, busca relatar a abordagem e profundidade de questões pedagógicas direcionadas ao reconhecimento de construções afrocentradas, sugerindo uma análise mais profunda e necessária para a compreensão dos saberes afro-femininos no contexto educacional e científico. Tal abordagem tem como objetivo expandir os espaços de produção de conhecimentos para além da academia, valorizando conhecimentos frutos de experiências afro-centradas.

Levando em consideração o contexto histórico e social da sociedade brasileira, e seus contornos racistas, o estudo mergulha nas raízes que deram origem às pedagogias feministas negras, oferecendo uma análise crítica das experiências vividas por mulheres negras ao longo da história. Destacam-se tanto os desafios enfrentados quanto às formas de (re)existência, a presença da escrevivência (EVARISTO, 2020) e a luta contra o apagamento da literatura negra. Além disso, a pesquisa traz fundamentos baseados em perspectivas filosóficas afro-centradas, examinando as filosofias que sustentam e estruturam essas pedagogias e ressaltam a importância da espiritualidade e cosmovisão africana no processo educacional (NOGUERA, 2012).

A pesquisa também enfatiza a necessidade do reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira no currículo escolar básico, levando em consideração a existência da lei 10.639/2003¹, propondo sua efetiva aplicação. Mais ainda, propõe a desconstrução de estereótipos de gênero e raça por meio de práticas pedagógicas conscientes. Além disso, ao inserir-se no campo da pesquisa científica, destaca as contribuições afro-femininas, muitas vezes negligenciadas, defendendo a inclusão de perspectivas afro-centradas na academia para promover uma compreensão mais ampla e diversificada do conhecimento.

Uma das temáticas abordadas no presente artigo, é a do empoderamento e ativismo educacional, que traz a discussão do papel fundamental desses elementos na promoção de mudanças estruturais nas instituições de ensino. A pesquisa adota uma perspectiva intercultural e interseccional, sublinhando a importância do diálogo entre diferentes culturas, analisando a relação da necropolítica na produção de obras negras e a compreensão da interseccionalidade para construir uma educação verdadeiramente antirracista. E por fim, traz a adoção da escrevivência da autora, Suellen Andrade, escrevendo em primeira pessoa, quebrando paradigmas cartesianos da escrita acadêmica, colocando-se no texto e trazendo relatos de sua própria vida, ressaltando a importância de ter uma própria narrativa.

Essa pesquisa tem por objetivo propor a implementação de uma educação afrocentrada; Valorização dos saberes afro-femininos através do conceito de escrevivência da autora Conceição Evaristo; Enfatizar a importância da lei 10.639/2003; Propor a inclusão de perspectivas afro-centradas na academia para promover uma compreensão mais ampla e diversificada do conhecimento.

2. Desenvolvimento

A educação afrocentrada propõe uma estrutura educacional que coloca culturas e estudos, juntamente com experiências e perspectivas de pessoas negras, afro-brasileiras e africanas, nos currículos pedagógicos. Essa inserção gera uma amplitude de conhecimentos, promovendo a construção de uma identidade cultural e uma amplitude nos espaços para outros saberes que muitas vezes são marginalizados pelos sistemas educacionais. Assim, educando estudantes com senso crítico e

¹ Lei que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, desde o ensino fundamental até o ensino médio.



proporcionando capital cultural, enriquecendo-o e fazendo a educação ser fonte de rupturas estruturais, promovendo ensino mais justo e representativo para todos os alunos.

A educação afrocentrada, tem ligação direta a uma aprendizagem decolonial, onde parte para uma perspectiva, em que:

A esperança da pedagogia decolonial, não está na construção exclusivamente erudita de um projeto pedagógico referenciado, apenas, pela abstração acadêmica, mas, sim, no caminho construído com os próprios pés, as próprias mãos, os próprios corpos, sentimentos, religião e, também, a intelectualidade dos povos em luta (CEITA, 2020, p. 46).

Isso significa que o conhecimento deve ser integrado à experiência cotidiana e às lutas reais das comunidades, reconhecendo e valorizando suas diversas formas de saberes, levando para dentro das salas de aulas que são espaços fundamentais para construções e desconstruções.

Além disso, é de grande importância uma seleção crítica sobre as obras produzidas por mulheres negras visando a escolha cuidadosa de materiais que apresentem contribuições relevantes para a compreensão da experiência afro-feminina. Busco estabelecer um diálogo entre contos da autora Conceição Evaristo, obras de Djamila Ribeiro, Ângela Davis e suas possibilidades formativas em sala de aula. Esse caminho contribui para a construção de um currículo escolar com embasamento necessário sobre questões da realidade dos estudantes, alinhando-se com os temas abordados por autoria negra, visando à Lei 10.639/2003. Essa é uma atitude engajada que defende o direito dos alunos de consumirem obras e produções da cultura afro-brasileira e africana, desenvolvendo seu senso crítico e se encontrando com diversas culturas, fato que possibilita a ampliação do repertório e faz emergir pontos de análise não eurocêntrica.

Em consonância, proponho também o estudo atento a afro-perspectivas, inserindo-se na necessidade de ensinamentos de filosofias afros, por exemplo, nas instituições, como traz Renato Nogueira, ao afirmar:

A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. [...] Uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas (NOGUEIRA, p. 148).

Nesse sentido, não alimentando o epistemicídio mas dando espaço, reconhecimento e pertencimento aos espaços apropriados pelas culturas eurocêtricas.

Essa pesquisa implica na identificação de livros, como, Olhos d'água da escritora Conceição Evaristo, Pequeno Manual antirracista da autora Djamila Ribeiro, entre artigos e ensaios que não apenas abordem aspectos específicos da vivência das mulheres negras, mas também estejam em sintonia com as temáticas e perspectivas exploradas pela escrevivência, conceito criado por Conceição Evaristo. Ao alinhar-se com a escrevivência da autora, busca-se garantir uma coesão e complementaridade entre as fontes selecionadas e a sua abordagem específica. Isso pode incluir obras que discutam a interseccionalidade entre gênero e raça, as contribuições da literatura negra, a importância da escrevivência, entre outros tópicos presentes na obra de Evaristo.

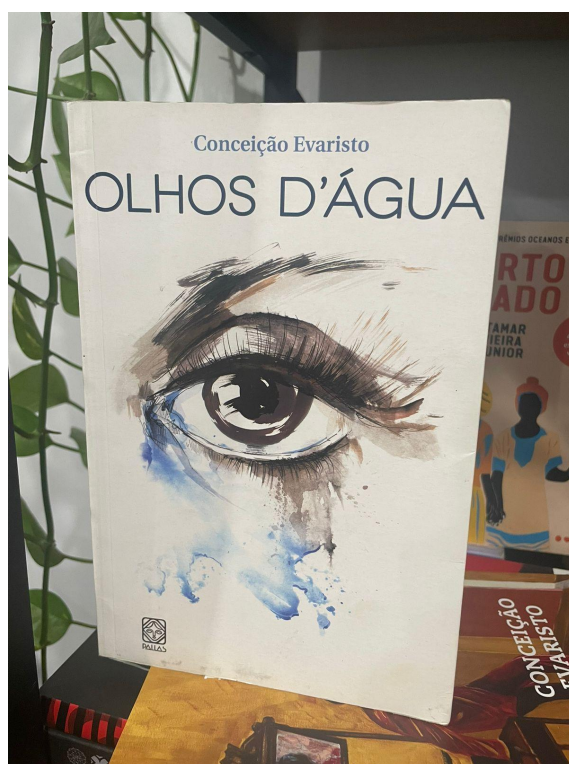


Figura 1: Livro olhos D'ÁGUA, Conceição Evaristo. Fonte: Acervo pessoal

Ao reconhecer a interseccionalidade, entendemos que as manifestações de opressões são interligadas, envolvendo raça, gênero e classe social, além de outros marcadores (DAVIS, 2016). Assim, o estudo de livros escritos por mulheres negras



não apenas desafiam as normas educacionais hegemônicas, mas também contribuem para uma compreensão mais ampla das lutas sociais.

A necessidade de uma abordagem crítica e inclusiva na educação se alinha à interseccionalidade, pois reconhece que as desigualdades são complexas e interconectadas. Ao incorporar obras de autoras negras, a educação se torna mais representativa, abordando não apenas a dimensão racial, mas também questões de gênero e classe social. Isso desafia padrões estéticos e literários que historicamente marginalizaram vozes negras. A partir de leituras e pesquisas, cheguei à análise de como as estruturas educacionais que perpetuam desigualdades, tanto de classe, como raça, gerando uma marginalização, ganham relevância para a não execução da Lei 10639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Em articulação com a lei 10639/2003, será realizada uma abordagem cuidadosa na seleção de obras que é fundamental para construir uma base bibliográfica consistente e enriquecedora, proporcionando uma compreensão aprofundada da experiência afro-feminina, ancorada nos elementos discutidos por Conceição Evaristo. Ao falar da escrevivência, abre-se uma amplitude na narrativa representando uma aglutinação do verbo “escrever” e do substantivo “vivência”. O conceito refere-se à prática de registrar, narrar e dar voz às experiências vividas por grupos historicamente marginalizados pela sociedade, especialmente mulheres negras. A escrevivência permite que histórias, muitas vezes negligenciadas pela narrativa hegemônica, sejam trazidas à superfície do que poderia ter voz socialmente. Na experiência afro-feminina, a escrevivência transforma-se como um veículo poderoso para desafiar e desestruturar estereótipos que afetam diretamente as mulheres negras. No conto Olhos d’água de Evaristo (2017) ela relata:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, p. 19).

Esse trecho explicitado pela escritora, aborda como a experiência materna não apenas desafia o estigma associado à mulher negra, mas também destaca a

profundidade das histórias muitas vezes não contadas. A água, nesse contexto, tem um papel de simbolizar não apenas lágrimas, mas uma correnteza de vida, resistência, ancestralidade, e espiritualidade, elementos fundamentais na desconstrução dos estereótipos e na promoção de uma narrativa mais autêntica e inclusiva sobre as mulheres negras, pois na narrativa da escrivência há presente o resgate da riqueza e complexidade das experiências das mulheres negras. Ao externalizar essas vivências, há o reconhecimento do protagonismo e da existência dessas vozes negras literárias.

No caminho dessa pesquisa, pude ter um encontro com o auto-protagonismo quando entrelacei o texto em minhas próprias histórias. Estabeleci diálogos com diversas narrativas de mulheres negras que afirmam suas identidades, rompem com estereótipos e constroem histórias próprias que refletem sua realidade e subjetividade, elaborando uma representatividade afro-feminina. Diante disso, a importância do “eu” carrega a infinitude do saber quem é, de se protagonizar e entender seu espaço de atuação, resgatando sua ancestralidade.

Através do conceito da necropolítica criado por Achille Mbembe (2017) analisamos que a necropolítica envolve o controle da vida e da morte, destinando-se certos grupos a condições de existência precárias. Relacionando isso ao ensino das obras de personalidades negras, é crucial questionar como a narrativa histórica e educacional muitas vezes contribui para a necropolítica, ao negligenciar ou distorcer as contribuições positivas dessas figuras representativas. “Numa cultura de morte, viver é desobediência civil” (Medida provisória, 2020). A necropolítica surge para mostrar que a morte não se restringe apenas ao físico, mas também ao intelectual, pois quando você mata a manifestação do pensamento de uma pessoa negra, você está contribuindo para a necropolítica. Portanto, a pedagogia deve ser um instrumento de transformação que reconheça e valorize as vidas historicamente marginalizadas socialmente, desafiando ativamente as formas de necropolítica presentes no sistema educacional brasileiro.

Através da minha análise sobre o ensino da bibliografia de personalidades negras, destaca-se a necessidade de uma abordagem pedagógica que vá além de uma inserção superficial dentro do currículo. A pesquisa sobre as obras de personalidades negras brasileiras, como, Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, Ryane Leão, entre diversas autoras da literatura negra que não apenas enriquecem os



aprendizados suas escritas e representações, mas também contrapõem os estereótipos e promovem uma compreensão mais completa da contribuição negra para diversas áreas, incluindo os escritores negros que também enfrentam o epistemicídio na literatura.

A pedagogia, por sua vez, torna-se fonte essencial para desconstruir estruturas racistas que alimentam diversas vertentes do racismo, como institucional, ambiental, religioso, estrutural, e que colaboram para o não exercício dos ensinamentos em sala de aula. A falta de preparo dos professores é uma questão que enfrenta a realidade de muitos docentes hoje em dia, porque para o professor abordar o ensino da África, supõe-se que ele tenha sido ensinado dentro da academia e quando isso não acontece, acaba gerando um ciclo de esquecimento, em que ensinamentos de culturas afros não são priorizados e quando são aplicados tratam-se de forma superficial.

O racismo molda as experiências individuais e coletivas de pessoas negras na sociedade, causando padrões estéticos e literários, quando buscam o apagamento das obras consideradas menos relevantes socialmente e para as academias (Fanon, 2008). Dessa forma, a execução da Lei 10.639/2003 e o estudo de obras escritas por mulheres negras se complementam, promovendo uma educação mais igualitária e inclusiva, ao mesmo tempo que ampliam as perspectivas sobre as experiências interseccionais das minorias raciais no Brasil. Portanto, os resultados indicam que o ensino da bibliografia de personalidades negras, quando alinhado a uma pedagogia consciente e crítica, pode ser uma ferramenta poderosa para desafiar estruturas de necropolítica presentes no sistema educacional, promovendo uma narrativa mais inclusiva e respeitosa da diversidade de contribuições negras para a sociedade.



Figura 2: Minha foto com a Conceição Evaristo. Fonte: Acervo pessoal.

Construindo a partir da Escrivivência, tomo meu lugar de fala como uma mulher negra, filha de outra mulher negra, trazendo a importância da minha própria narrativa. A primeira vez que tive contato com uma escritora negra, foi no meu primeiro ano do ensino médio, onde aconteceu a arte do encontro que toda menina preta precisa vivenciar. A partir daquele momento, eu lembro de questionar como a escritora colocava nas páginas, palavras tão certas que escreviam sobre a minha história. Pensava em como “Olhos d’água” contava tanto sobre a minha mãe e ao mesmo tempo sobre mim.

A auto identificação é importante, pois para além da individualidade, ela constrói um coletivo. A escrevivência traz narrativas, histórias, vidas. Nas palavras de Conceição Evaristo (2005, p. 6) “a escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece a dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra”. Portanto, a escrevivência traz a minha voz, a voz da minha mãe, da minha tia, a voz de pessoas silenciadas, traz a voz da ancestralidade.

Em movimentos de ousadia poética e epistemológica,



Conceição, com sua escrevivência, é geradora de padrões literários afro-brasileiros, que vão sendo identificados, mapeados e seguidos, enquanto faz ouvir sua voz e leva outras mulheres a contarem suas histórias e se fazerem ouvidas, deixando de lado o privilégio dado, ao longo dos tempos, a textos, construções e narrativas predominantemente masculinas e brancas (SALGUEIRO, 2019, p. 100).

A primeira vez que me deparei com a escrita da Ryane leão, tive uma mistura de sentimentos refentes a intensidade de uma padronização de condutas das mulheres negras, seja, como sentir, quando deve sentir, como se portar, quando se expressar, e isso me trouxe a necessidade de questionamentos além da reafirmação da existência, mas como os estereótipos desumanizam e reprimem tudo que parece "muito", "exagerado" para a sociedade, quando na verdade, é o mínimo que as pessoas deveriam exercer, levando-nos a questionar, quem pode sentir? Quem pode mostrar que está vulnerável e não ser forte o tempo todo? Quando Ryane diz:

 você precisa ser mais parecida com a água
 não tem que ser porto seguro a todo instante
 pode ser correnteza e aproveitar pra levar algumas coisas
 embora
 pode ser onda grande no oceano e afogar o que já não importa
 se desfazer nas margens
 em grandes pedras
 ultrapassá-las
 pra notar que nada te impede
 vez em quando virar uma cachoeira
 daquelas enormes e inalcançáveis
 ou então lagoa calma mas distante
 só nada quem pegar a trilha
 você pode ser aquele fluxo de água que desce entre
 as frestas de uma rocha
 e mostra que algumas rachaduras são necessárias
 para que a beleza nasça
 quente ou fria
 abundante ou serena

jamais peça desculpas
por se derramar (LEÃO, p. 64).

Traz exatamente a necessidade de quebrar rótulos que moldam as mulheres negras de formas cruéis, reprimindo-as, através dos estereótipos que ditam o que é ser feminino, excluindo as mulheres negras como pessoas, pois os seus arquétipos sempre visaram a sobrevivência e não a independência. Humanizar essas mulheres a partir de uma literatura representativa, é abraçar e valorizar a ousadia de transcender os ambientes hostis que estão nas entrelinhas que separam as raças (COLLINS, 2016).

Para a escritora Djaimilia Pereira,

A restituição da interioridade a sujeitos negros luso-afro-brasileiros e negros diaspóricos está acontecendo em direções diferentes e complementares, tantas quantas são as sensibilidades e inteligências que as assumem (Almeida, 2023, p. 66-67).

Podemos assinalar que o registro e a disseminação das vivências plurais de mulheres negras – que se expande em práticas além da literatura, como por exemplo a dança, a música, a oralidade, o ato de trançar cabelos, práticas educativas em ambientes educativos formais ou não, a militância política e suas ações comunitárias – reivindicam a humanização negada historicamente à essa parcela da população.

3. Considerações finais

Nesta pesquisa, analisamos e discutimos a importância de desconstruir estruturas educacionais racistas, reconhecendo que questões tratadas desde cedo, não propagam discursos de ódio. Um ensino antirracista é fundamental para combater desigualdades raciais e promover uma educação mais inclusiva. Diante disso, percebo a relevância de inserir nas escolas diversas obras escritas por mulheres negras, trazendo escritoras que contribuem para a desconstrução de estereótipos, representando a resistência contra a opressão e enriquecendo a compreensão das experiências interseccionais.

A pesquisa destaca a importância do protagonismo na narrativa com base no diálogo com a obra de Conceição Evaristo, resgatando histórias muitas vezes marginalizadas, trazendo a interseção entre literatura e raça, destacando a



necessidade de uma educação que vá além do eurocentrismo, proporcionando um aprendizado mais amplo e diversificado investindo na formação de crianças e jovens por meio do conhecimento das contribuições afro-femininas, como peça-chave na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Essa pesquisa traz a necessidade da integração das discussões levantadas por autoras com as perspectivas filosóficas afro-centradas, trazendo conexões entre as literaturas afro-femininas e as pedagogias negras, evidenciando a importância da espiritualidade e culturalidade afro-brasileira e africana no processo educacional.

Destaca-se, ainda, a relevância dessas contribuições na desconstrução de estereótipos de gênero e raça no contexto educacional, alinhando-se com a proposta de aplicação da lei 10.639/2003 proporcionando um caminho metodológico embasado na intersecção entre a literatura, a raça e a pedagogia, visando não apenas ampliar os espaços de produção de conhecimento, mas também enriquecer as diversas perspectivas culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Djaimila Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**: dois ensaios e uma conversa. São Paulo, Todavia, 2023.

CEITA, Soraia. **Pedagogia feminista negra decolonial para um Ensino de História engajado na Educação Básica**. Salvador, BA: PROFHISTÓRIA, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MEDIDA provisória. Direção de Lázaro Ramos. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista**. Revista da ABPN, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta, 2019.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: (Orgs.) DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2019.

Submetido em 14/07/24.

Aprovado em 15/04/25.